


MICRO-MITOS ALGORÍTMICOS: ACONTECIMENTO DISCURSIVO DE ALTA INTENSIDADE E PARTILHA DO SENSÍVEL NAS REDES SOCIAIS

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.043-007>

Jonas Hames

Doutorando em Ciências da Saúde e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7131-5793>

RESUMO

As plataformas digitais geram acontecimentos discursivos de alta intensidade que se esgotam em horas, subordinando a experiência ao tempo da captura algorítmica. Este ensaio propõe o conceito de micro-mito algorítmico a partir da articulação entre Michel Pêcheux, Michel Foucault, Roland Barthes, Reinhart Koselleck, Hartmut Rosa, Jacques Rancière e Aníbal Quijano, em diálogo com o procedimento analítico dos Espaços Enunciativos Informatizados (Silveira, Gallo e Pequeno, 2025). Tomando o bebê reborn como alegoria, o que se pretende demonstrar é que o micro-mito algorítmico é um acontecimento que articula ruptura do cotidiano, ambiguidade ontológica, engajamento moral e narrativização acelerada para constituir posições de sujeito-avatar por meio de uma infraestrutura técnica que naturaliza o histórico como evidência. O conceito de série discursiva responde à tensão entre o acontecimento pêcheutiano singular e o viral plural. O conceito de sujeito sem lastro nomeia a forma-sujeito estrutural gerada quando a enunciação é polida para o engajamento antes de ser publicizada. A temporalidade dos EEIs funciona por compressão assimétrica, o acontecimento se esgota em horas, mas permanece como rastro arquivístico que condiciona futuras irrupções, dissolvendo o horizonte de expectativa koselleckiano e capturando a retenção terciária coletiva.

Palavras-chave: Acontecimento discursivo digital; Espaços enunciativos informatizados; Sujeito-avatar; Micro-mitos algorítmicos; Temporalidade digital.

1 INTRODUÇÃO

Há um momento, em certas imagens que circulam nas plataformas digitais, em que o olhar tropeça. A boneca parece viva. O bebê reborn, artefato de silicone calibrado para simular textura de pele, cheiro de talco e peso corporal de um recém-nascido, gera em seus cuidadores um circuito afetivo de alta intensidade que, publicado, desdobra um segundo acontecimento. O objeto deixa de ser motivo de fascinação e o que

encanta os espectadores é a ambiguidade ontológica que a imagem sustenta. Real? Falso? Luto encenado? O julgamento moral irrompe antes da verificação factual, com o reconhecimento antecedendo a reflexão.

A mamadeira erótica, a Grávida de Taubaté, as fake news do perfil Choquei, o Caso Larissa Manoela, a caixinha de perguntas falsas, os fakecasts e o próprio reborn, o que circula em cada um desses episódios é o afeto que o objeto acendeu antes de ser nomeado. Barthes, em *Mitologias*, descreveu o trabalho histórico pelo qual uma cultura mascara sua fabricação como dado natural, identificando como a sedimentação de décadas na imprensa e na publicidade, no arquivo algorítmico consoma em horas. O que resta após a viragem do ciclo deixa de ser esquecimento e passa a rastro sem espessura, dado técnico sem memória elaborada, disponível para reativação no próximo acontecimento que acionar o mesmo pré-construído.

O micro-mito algorítmico nomeia esse ciclo completo, da irrupção ao rastro, passando pelo pico de engajamento, pelo eventual desmentido e pela sedimentação no arquivo antes que qualquer elaboração crítica se instale. Distingue-se do mito barthesiano por deslocamentos que precisam ser pensados, não apenas listados como atributos: a escala temporal que elimina a sedimentação lenta, a retroalimentação entre algoritmo e engajamento que constitui o acontecimento ao amplificá-lo, e a reversibilidade apenas aparente que transforma o desmentido em bifurcação do arquivo. Retificar não desfaz, já que grava nova série que coexiste com a versão inicial.

A série discursiva e o sujeito sem lastro são os dois conceitos propostos para dar conta do que o aparato pêcheutiano. O acontecimento em Pêcheux (1983/2006) é rigorosamente singular, ponto de encontro datado entre uma atualidade e uma memória. O viral é constitutivamente plural com centenas de enunciações distintas que o algoritmo processa como evento unitário dotado de memória coletiva. O sujeito sem lastro nomeia a forma-sujeito que emerge quando a enunciação foi polida para o engajamento algorítmico antes de ser publicizada, incorporando ao pensamento pêcheutiano um terceiro esquecimento, o esquecimento técnico, pelo qual o sujeito desconhece as operações de normatização que a infraestrutura executou antes que sua voz chegasse à circulação.

Tradições teóricas trabalham aqui em planos que mantêm suas tensões internas. Pêcheux e Foucault são incompatíveis em pontos decisivos. Onde um precisa do inconsciente como condição da interpelação ideológica, o outro o dispensa e redistribui o problema para as condições históricas de existência do enunciado. Barthes e Rancière iluminam dimensões também distintas da mesma operação política trazendo o apagamento da fabricação no signo e a distribuição do visível e do audível. Koselleck e Rosa diagnosticam, por caminhos distintos, a compressão do tempo histórico; Stiegler desloca a pergunta, recusando o diagnóstico de alienação e propondo que o problema não é a técnica na temporalidade humana, mas a captura corporativa dos regimes técnicos de individuação. Quijano situa todo esse quadro no interior

da colonialidade do poder, condicionando o alcance de qualquer conceito proposto sem esse enquadramento geopolítico.

O que o ensaio persegue, sem intensão de resolver completamente, é o que se perde quando a enunciação é governada por infraestrutura que maximiza o engajamento e minimiza a alteridade. A resposta que vai se construindo passa pelo deslocamento do tempo da experiência para o tempo da captura, da memória discursiva coletiva para o arquivo algorítmico privado, do sujeito que encontra o outro e é transformado para o sujeito-avatar que circula em circuitos de confirmação. Os beneficiários desse apagamento são identificáveis. Seus interesses são mensuráveis em dados e em dólares, e a análise que não nomeia isso trabalha sobre a superfície da fabricação.

2 O VIRAL COMO DISPOSITIVO: POR QUE CERTOS ACONTECIMENTOS CIRCULAM

O procedimento analítico dos Espaços Enunciativos Informatizados formulado por Silveira, Gallo e Pequeno (2025) a partir de uma constatação que a teoria do discurso de matriz pêcheutiana precisava enfrentar: as plataformas digitais não distribuem enunciações preexistentes, constituem tecnicamente as condições em que certos enunciados podem aparecer, circular e persistir. O que esse deslocamento produz analiticamente é considerável. A normatização incide antes da formulação, configurando extensão, formato, tom e ritmo como condições técnicas de visibilidade. A mediação intervém na circulação, selecionando quais enunciados alcançarão visibilidade a partir de métricas de engajamento que o sujeito não controla e frequentemente não nomeia como tal. O sujeito-avatar é a posição de sujeito gerada pela conjunção dessas duas interpelações. O arquivo digital, como Dias (2018) articula, não sedimenta como o arquivo histórico e reordena-se a cada consulta segundo parâmetros que mudam, de modo que o que um sujeito encontra ao buscar não é um depósito estável, mas uma configuração produzida pelo algoritmo naquele instante preciso.

O que faz um acontecimento viralizar é a convergência de propriedades que a infraestrutura seleciona para amplificação. Brady, Crockett e Van Bavel (2020), no Modelo MAD de contágio moral, documentam empiricamente que a linguagem moral-emocional está consistentemente associada ao aumento do compartilhamento, e que conteúdos que combinam ambiguidade ontológica com ativação moral maximizam a propagação. O dado empírico e o diagnóstico discursivo não se fundem metodologicamente, mas se articulam na materialidade dos EEIs com o algoritmo sendo uma de suas condições de produção históricas. A seleção do que circula é constituição do campo do dizível, o que nunca alcança o limiar de amplificação não será invisível, mas discursivamente inexistente para a maior parte dos sujeitos que habitam esses espaços. A ausência é efeito ativo de uma arquitetura que distribui existência discursiva de acordo com a gramática do engajamento. Foucault (1969/2008) descrevia a raridade do enunciado, o fato de que, entre tudo que poderia ser dito, apenas certos enunciados existem. E nos EEIs,

essa raridade é administrada por empresa privada com fins de acumulação, o que transforma uma categoria analítica em questão política de outra ordem.

Os acontecimentos discursivos de alta intensidade que irrompem nesses espaços não partilham apenas propriedades, mas condição de possibilidade da seguinte. A ruptura do cotidiano captura atenção no fluxo porque rompe a indiferença habitual, e só se mantém em circulação porque sustenta ambiguidade constitutiva. O evento que resolve imediatamente a dúvida se esgota antes de engajar: é a irresolvibilidade que convoca o julgamento moral antecipado, posicionando sujeitos-avatar em formações discursivas que prescrevem modos legítimos de sentir antes que qualquer verificação ocorra. O evento bruto converte-se em narrativa coletiva no intervalo de horas. Quando desaparece do fluxo, o impacto simbólico residual permanece como rastro arquivístico que condiciona as próximas irrupções.

O que o algoritmo amplifica são sempre enunciações que reativam pré-construídos já disponíveis no interdiscurso. Não porque o sistema leia memória discursiva no sentido pècheutiano, mas porque os dados de engajamento acumulados ensinam ao modelo que certos conteúdos acionam respostas consistentes em determinadas populações de usuários. Décadas de sedimentação ideológica sobre família, gênero, raça e infância foram comprimidas em vetores de ativação que o algoritmo utiliza sem nomeá-los. O que retorna ao sujeito quando o sistema amplifica certos conteúdos mantém distância da memória no sentido de trabalho sobre o passado porque é reativação automatizada de posições que o sujeito ocupa sem saber que as ocupa. Em outras palavras seria possível simplificar dizendo que certas coisas retornam antes mesmo de terem passado.

3 DO MITO BARTHESIANO AO MICRO-MITO: TRÊS DESLOCAMENTOS QUE MUDAM A ESTRUTURA

A operação que Barthes descreveu em *Mitologias* (1957) é de segunda ordem. A imagem do soldado negro fazendo a saudação militar francesa na capa de Paris Match não mente sobre o que mostra: transforma o que mostra em significante de outra coisa. No plano denotativo, imagem documental; no plano do mito, signo da França imperial que transcende as diferenças raciais, esvaziando o sentido histórico para reter apenas a forma. O mito não pretende negar o sentido primeiro, mas deforma-lo, e essa deformação apaga a fabricação. O que foi gerado historicamente reaparece como natureza, como dado eterno e inevitável.

O micro-mito algorítmico retém essa estrutura de segunda ordem e articula os três deslocamentos que mudam seu funcionamento. A escala temporal importa analiticamente porque a naturalização barthesiana pressupunha tempo de sedimentação, décadas de repetição nas revistas, na publicidade, no cinema. O micro-mito elimina esse tempo. Puryear, Vandello e Gray (2024) documentam que a percepção de viralidade, independentemente do conteúdo, intensifica percepções de ameaça moral e amplifica indignação. O algoritmo ao amplificar constitui o micro-mito como verdade antes que qualquer verificação

seja possível. A intencionalidade da fabricação altera o estatuto do agente, já que a mamadeira erótica e as fake news do perfil Choquei foram produzidas para circular segundo a gramática afetiva dos EEIs, o que significa que o polo da produção já internalizou as condições algorítmicas de visibilidade antes de publicar. Há assimetria de poder discursivo desde a origem e a reversibilidade parcial reconfigura o arquivo. O desmentido não apaga, abre nova série discursiva que retroalimenta o mesmo arquivo, de modo que retificar estende paradoxalmente a duração do micro-mito no tempo.

O mito burguês possuía, para Barthes, o que ele chamou de fuga nominativa. A burguesia como fato político é inomeável e enuncia seus valores como natureza humana. Meta, Alphabet e ByteDance afirmam seus valores como otimização da experiência do usuário. A neutralidade técnica da linguagem corporativa é a forma contemporânea de apagamento da fabricação. A diferença em relação a Barthes é que esse apagamento é executado pela própria infraestrutura e não há retórica que precise trabalhar para naturalizar, porque a aparência de neutralidade está inscrita na arquitetura do sistema.

O que a análise barthesiana não antecipava era o colapso da assimetria entre produtor e consumidor que os EEIs instalam. Em *Mitologias*, havia ainda uma distinção relativamente estável entre quem produzia o mito e quem o recebia. O micro-mito dissolve essa distinção sem invertê-la permitindo a qualquer sujeito fabricar e distribuir micro-mitos com as mesmas ferramentas com que os consome, o polo da produção e o polo da recepção se tocam e se confundem no mesmo gesto de publicar. Isso não significa que se democratizou o mito. O que foi construída é uma redistribuição de seu trabalho de fabricação entre milhões de produtores, cada um crendo ser o primeiro a nomear o que todos já reconheciam. A memória técnica recupera o resultado sem o processo e o sujeito recebe como evidência o que foi laboriosamente construído por décadas de sedimentação discursiva, e quando o republica como sua própria percepção, não sabe que está sendo o último elo de uma cadeia que não começou com ele.

O conceito de regime de historicidade usado por Hartog (2015) para designar o modo como uma época articula passado, presente e futuro como configuração específica do tempo, não como dado cultural vago, funciona para avançar no entendimento. O presentismo que diagnostica nas últimas décadas, a hipertrofia do presente em detrimento do passado como lição e do futuro como horizonte, encontra nos EEIs sua infraestrutura técnica mais completa. O micro-mito fabrica um presente que se fecha sobre si mesmo, que não precisa do passado para se legitimar nem do futuro para se justificar. É acontecimento que acontece inteiramente no instante de sua circulação e que, ao desaparecer do fluxo, deixa rastro sem memória e também dado sem elaboração e arquivo sem espessura histórica.

4 INTERPELAÇÃO, DISPOSITIVO E O QUE ESTÁ EM JOGO ENTRE PÊCHEUX E FOUCAULT

Quando o algoritmo posiciona um sujeito diante de um conteúdo que convoca julgamento moral, por que via isso ocorre? Essa não é uma pergunta retórica. Ela determina o que é possível dizer sobre resistência, sobre agência, sobre transformação. Se for pela interpelação ideológica no sentido de Pêcheux, o inconsciente é condição do processo, e o sujeito é chamado a uma posição que ele não escolheu e da qual crê ser a origem. Se for pelo dispositivo de saber-poder no sentido de Foucault, o inconsciente é dispensável, já que o que governa o posicionamento são as condições históricas de existência de certas formas de enunciar, independente de qualquer sujeito particular. Nenhum dos dois, isolado, captura simultaneamente a interpelação do sujeito e as condições históricas de possibilidade do dispositivo que o executa. Essa incompletude é o ponto de atrito que torna a tensão entre eles analiticamente produtiva.

O acontecimento discursivo em Pêcheux (1983/2006) situa-se no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. A enunciação 'On a gagné!', após a vitória de Mitterrand em 1981, não é redutível à estrutura linguística nem à conjuntura histórica isoladas. É ela mesma o ponto de ruptura em que uma memória discursiva é mobilizada e rearranjada. O 'On' é posição de sujeito que se instala pela interpelação discursiva, ativando as lutas históricas da esquerda francesa, a Resistência, Maio de 68. O que governa esse processo é o interdiscurso, o já-dito que sustenta a possibilidade de todo dizer, tornando disponíveis certas posições e impossíveis outras (Pêcheux, 1988). O pré-construído é o efeito desse funcionamento, ou aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, apresentando-se ao sujeito como evidência sem necessidade de demonstração. O sujeito crê ser a origem de seu discurso, esquecimento n.º 1, e crê que as palavras têm sentido fixo, esquecimento n.º 2. Ambos são efeitos estruturais. O pré-construído sobre infância como pureza, sobre maternidade como realização, sobre autenticidade como valor, parecer emergir espontaneamente nos ciclos virais, mas está disponível no interdiscurso, aguardando o acontecimento que o reative.

A recusa do conceito de ideologia é, em Foucault (1979), o ponto onde a divergência com Pêcheux se torna irreduzível. Para Foucault, o que determina o que pode ser dito em cada época não é a ilusão que o sujeito sustenta sobre seu discurso, mas as condições históricas de existência dos enunciados, independentemente do sujeito que os pronuncia. O dispositivo é o conjunto heterogêneo, discursos, instituições, arquiteturas, regulamentações, enunciados científicos, que responde a uma urgência histórica. Os EEIs respondem à urgência de monetizar a atenção humana, o que Zuboff (2019) nomeia capitalismo de vigilância, a extração unilateral de dados comportamentais como matéria-prima para a previsão e modificação do comportamento. A função estratégica do dispositivo é transformar comportamento em dado. A arqueologia foucaultiana (1969/2008) permite mapear as regularidades que determinam quais objetos podem aparecer como virais, quais perfis podem falar com autoridade, quais estratégias

enunciativas produzem engajamento sem olhar as escolhas individuais, mas como gramática histórica do que pode ser dito. Zoppi-Fontana (2017) demonstra que o sujeito político é constituído por processos que antecedem sua enunciação de cidadão, trabalhador, criador de conteúdo como posições que posicionam o sujeito em redes de memória e poder antes que ele as ocupe conscientemente.

A incompatibilidade entre Pêcheux e Foucault se mantém como tensão: a genealogia foucaultiana reconstrói as condições históricas de existência dos dispositivos que governam os EEIs, a constituição do usuário como trabalhador não remunerado, a visibilidade como forma de poder, a neutralidade técnica como fuga nominativa corporativa. A análise do discurso pêcheutiana acompanha como, no interior desses dispositivos, o sujeito é interpelado em sujeito-avatar (Pequeno, 2020) pelo interdiscurso e pelo pré-construído, o caminho pelo qual a posição que o dispositivo abriu se torna, para o sujeito, evidência de si mesmo. A articulação mantém a tensão como tensão, porque onde Pêcheux precisa do inconsciente Foucault o recusa, e essa divergência é analiticamente necessária para não transformar o sujeito em pura função do dispositivo nem em pura vítima da ideologia.

O que esse impasse entre os dois pensadores revela, quando forçado pela especificidade dos EEIs, é uma lacuna que nenhum dos dois preenche. A do sujeito que sabe, em algum grau, que está sendo interpelado, e continua sendo interpelado, pois o usuário veterano das plataformas conhece o funcionamento do algoritmo, reconhece os ganchos emocionais, identifica a gramática do engajamento, e ainda assim se vê capturado pela ambiguidade do reborn, pelo luto fabricado, pelo escândalo que retorna. O saber sobre o dispositivo não é capaz de interromper o dispositivo. E Pêcheux diria que o esquecimento é estrutural e não se desfaz pela consciência individual; Foucault diria que o saber sobre o poder não está fora das relações de poder. Os dois têm razão por razões distintas, e é precisamente essa convergência de argumentos incompatíveis que descreve com maior precisão a captura algorítmica. Ela sobrevive ao conhecimento de seu funcionamento porque não opera sobre a ignorância, mas sobre a velocidade e a decisão de engajar é anterior à reflexão sobre as condições do engajamento.

Há um ponto que a articulação entre os dois autores deixa sem resposta e que a especificidade histórica dos EEIs impõe: a questão da agência corporativa. Pêcheux pensa o sujeito interpelado por formações ideológicas sem agente identificável. Já Foucault pensa o poder como relacional, difuso, sem centro. Nenhum dos dois preparava a análise para um mundo em que quatro corporações privadas, com nomes, CEOs e obrigações fiduciárias identificáveis, detêm o controle sobre as condições de enunciação de bilhões de sujeitos. A análise discursiva precisa incorporar essa dimensão porque há, de fato, decisões de engenharia, testes A/B e metas de crescimento por trás de cada arquitetura de interpelação, e o dispositivo tem autores.

4.1 SÉRIE DISCURSIVA

A singularidade do acontecimento pècheutiano é condição de seu funcionamento teórico. 'On a gagné!' em maio de 1981 é enunciação historicamente delimitada, datada, irrepitível em sua singularidade discursiva. Quando a mamadeira erótica circulou em 2014, retornou em 2018, voltou em 2022, não era a mesma enunciação reaparecendo, mas era uma multiplicidade de enunciações distintas que o algoritmo processava como evento único, dotado de memória coletiva e rastro arquivístico. Essa estrutura não existia antes dos EEs como condição técnica, e por isso Pêcheux não poderia tê-la previsto. A série discursiva nomeia esse deslocamento sem forçar o encaixe no acontecimento singular nem reduzir o viral a tendência de consumo e sem pretensão de fundar instrumento.

O que delimita analiticamente uma série discursiva são cinco critérios operacionais. O ponto de irrupção é a primeira publicação de alta visibilidade que o algoritmo selecionou para amplificação; o ponto de esgotamento ocorre quando o algoritmo cessa a amplificação e a série desaparece do fluxo, mesmo que enunciações continuem sendo produzidas. A janela temporal típica varia entre 12 e 72 horas, compressão que situa a série na escala do presente encolhido roseaniano (Rosa, 2013), onde o acontecimento se esgota antes que a experiência possa se depositar como memória elaborada. O segundo critério é o acionamento de uma memória discursiva específica: a série não produz seus pré-construídos do nada, reativa o que o interdiscurso já havia tornado disponível. A mamadeira erótica não criou o pré-construído sobre infância como território da pureza; encontrou-o pronto e o reativou. O terceiro critério é a distribuição de posições de sujeito-avatar recorrentes, o guardião moral, o incrédulo, o ironista, o reafirmador, posições identificáveis por marcas linguísticas, modalizações e operadores argumentativos. O quarto critério é o rastro arquivístico recuperável, que distingue a série de uma tendência passageira. A mamadeira erótica retorna a cada eleição com as mesmas imagens porque está no arquivo e não na memória. O quinto critério é a intensidade de circulação algorítmicamente amplificada e mensurável.

Esses critérios permitem identificar três subtipos segundo o modo como a série se relaciona com o tempo e com o desmentido. Nas séries de recorrência, o arquivo previamente consolidado retorna periodicamente sem alteração significativa, e o que retorna não é o evento, mas sua estrutura de interpelação. Nas séries de amplificação, um acontecimento único dispara cascata de reposicionamentos em cadeia, cada rodada reativando novos pré-construídos. Nas séries de desmentido, a retificação posterior nunca alcança a mesma circulação que a versão inaugural porque o arquivo preserva a versão que circulou, não necessariamente a que era verdadeira.

O que a série discursiva força à superfície é um problema que a teoria do arquivo histórico, de Foucault, e a teoria do acontecimento, de Pêcheux, deixavam em zonas diferentes. Para Foucault, o arquivo é o sistema que governa o que pode ser dito numa época, formação não datável por um único evento. Para Pêcheux, o acontecimento é singular, datado, irrepitível. A série discursiva ocupa o intervalo entre os dois

sendo plural como o arquivo e datável como o acontecimento, mas sua datação se multiplica a cada recorrência. A mamadeira erótica tem data de fabricação, 2014, mas suas datas de irrupção se acumulam a cada ciclo eleitoral. O arquivo conserva, de fato, mas também reativa, e cada reativação é nova enunciação que o reinsere no interdiscurso com uma camada adicional de sedimentação. A série cresce por acumulação de instâncias e não temporalmente por continuidade narrativa. O arquivo algorítmico guarda tudo e reexibe seletivamente e as condições para a retomada são as métricas.

A implicação política das séries de recorrência é que certas batalhas discursivas nunca terminam porque o arquivo que as alimenta nunca fecha. O fato de ter sido desmentida repetidamente não altera a força de interpelação da mamadeira erótica, porque o que o desmentido produz no arquivo provoca uma espécie de bifurcação, passando a existir a versão original e a versão desmentida, e o algoritmo amplificará a que melhor se ajustar à gramática do engajamento do momento.

4.2 SUJEITO SEM LASTRO

Todo sujeito-avatar é gerado pela interpelação técnico-discursiva dos EEIs, mas pode ainda preservar marcas do ordinário com hesitações, correções, opacidades que deixam visível o trabalho de formulação. O sujeito sem lastro eliminou essas marcas antes da publicação. O sujeito permanece, mas é eliminado o tropeço, aquele momento em que o sujeito ordinário encontra o que não sabia que pensava, ou descobre que a palavra que escolheu não dizia o que pretendia. É o tropeço que torna a enunciação singular e sem ele, o que circula é avatar otimizado.

O conceito se desenvolve a partir do sujeito-avatar proposto por Pequeno (2020) e da forma-discurso de escritorialidade elaborada por Gallo e Silveira (2017), trabalhando o ponto onde a normatização técnica e a interpelação ideológica convergem em seu grau máximo. O que esse ponto revela é um terceiro esquecimento que excede os dois pêncheutianos. O esquecimento n.º 1 instala a ilusão de que o sujeito é origem de seu próprio discurso, apagando o interdiscurso. O esquecimento n.º 2 sustenta a ilusão de que o discurso é transparente, que as palavras têm sentido fixo. O terceiro esquecimento, que aqui se propõe nomear esquecimento técnico, apaga as operações de normatização que a plataforma executou sobre a enunciação antes que ela chegasse à circulação. O filtro da plataforma, o algoritmo de recomendação, a interface de edição, as políticas de moderação já haviam configurado o que pode ser dito antes que o sujeito digitasse a primeira palavra. O sujeito crê escolher livremente tom, formato e duração, mas essas dimensões já foram determinadas pela infraestrutura como condições de visibilidade.

O esquecimento técnico acrescenta ao aparato pêncheutiano uma torção na própria relação entre sujeito e condições de produção. Os esquecimentos n.º 1 e n.º 2 descrevem como o sujeito se relaciona com seu próprio discurso já formulado. O esquecimento técnico antecede a formulação e atua sobre as condições de possibilidade do dizer antes que o dizer ocorra. O sujeito não esquece o que disse, ele sequer chega a

formular o que teria dito sem a interpelação infraestrutural. A plataforma configura o campo dentro do qual certas vozes se formam e outras não chegam a se formar, e não se trata de censura, que pressupõe discurso preexistente interrompido, mas de modelagem prévia das condições em que o discurso pode existir.

As marcas do sujeito sem lastro são analiticamente identificáveis como padrão discursivo, e não como patologia individual. Narrativas calibradas com ganchos emocionais nos primeiros três segundos, desenvolvimento em arco dramático de alta intensidade, fechamento que convoca compartilhamento. Falas onde cada pausa, inflexão vocal e gesto foi ajustado para ampliar retenção atencional. A caixinha de perguntas falsas do Instagram Stories é a operação em sua forma mais transparente. O usuário fabrica as perguntas que responderá, eliminando o risco de ser confrontado com interrogação que não antecipou. Performa diálogo sem interlocutor. O fakecast atua pelo mesmo princípio, o sujeito se grava simulando participação em podcast, fabricando a posição de expert convidado quando nenhum convite ocorreu e o que há em comum não é a mentira, mas a eliminação da alteridade como condição de possibilidade da enunciação.

Nem todo sujeito-avatar é sem lastro. Narrativas longas sobre saúde mental nos EEIs brasileiros, de 20 a 30 minutos, recusando resolução no prazo do engajamento, alcançam circulação estruturalmente menor porque o algoritmo penaliza conteúdo que exige tempo sem garantia de retenção rápida. O comentário nessas narrativas registra o que o arquivo digital não consegue comprimir: 'Eu também senti isso, mas de jeito diferente', 'não sei nomear o que sinto, mas reconheço algo aqui'. São marcas de que o sujeito ordinário preservou algo do tropeço. O design dos EEIs estabelece como ideal o sujeito-avatar que circula sem fricção, confirma sem contestar, engaja sem resistência. O sujeito sem lastro é esse ideal em sua forma mais plena.

Há uma figura do sujeito sem lastro que os exemplos imediatos tendem a ocultar que é a do profissional treinado. O criador de conteúdo que cursou formação em *storytelling* digital, que testa variações de *thumbnail* em tempo real, que distribui a publicação no horário de pico de engajamento da sua audiência-alvo, não é ingênuo sobre o que opera já que domina-o tecnicamente. O esquecimento técnico, nesse caso, é incorporação e a normatização foi tão profundamente internalizada que deixou de ser constrangimento externo e passou a ser gramática de expressão. Quando esse sujeito diz 'eu', fala a partir de posição construída iterativamente pela engenharia da atenção, e a fluência dessa fala é precisamente o índice de que o lastro foi apagado. O sujeito mais sem lastro não é o menos letrado, mas é o que aprendeu melhor.

5 ALEGORIA DO REBORN: SIMULACRO, AUTENTICIDADE E O QUE STIEGLER RECUSA EM BAUDRILLARD

O sujeito fabrica a pergunta que responderá. A estrutura elementar da caixinha de perguntas falsas do Instagram Stories não é ironia nem paradoxo, mas a forma mais transparente de uma operação que percorre todos os micro-mitos. Baudrillard (1991), ao descrever as quatro fases da imagem, a reflexão de realidade profunda, o mascaramento dessa realidade, o mascaramento de sua ausência e, por fim, a fase em que a imagem não tem relação com qualquer realidade e é seu próprio simulacro puro, forneceu um vocabulário para nomear o que a caixinha falsa e o fakecast executam. Eles constroem a encenação da autoridade como fim em si mesma, sem referente a dissimular. A distinção entre simulação, fingir ter o que não se tem, e dissimulação, fingir não ter o que se tem, colapsa, e sujeito sem lastro performa a forma da autoridade, e essa performance é reconhecida algorítmicamente como equivalente funcional da autoridade real.

O bebê *reborn* é a alegoria mais precisa dessa operação. Não imita um bebê real porque substituiu-o na função afetiva sem que haja referente a imitar. Publicado nos EEIs, o *reborn* gera o micro-mito na interseção entre o artefato e a plataforma. A dúvida ontológica mantém o evento em circulação enquanto a questão 'é real?' não se resolve; o julgamento moral polariza os sujeitos-avatar antes que qualquer verificação ocorra. Os pré-construídos mobilizados, maternidade como realização, luto como tabu, feminino como território do afeto, foram encontrados prontos no interdiscurso e ativados com precisão pela ambiguidade da imagem.

O afeto não precisa de referente para ser real. O cuidado dispensado à boneca de silicone é genuíno, pois envolve rotina, investimento afetivo, relação que tem história. Por mais mais que houve tentativa de patologizar, esse fato é evidência de que a função afetiva pode se desprender do objeto que a originou e migrar para um substituto funcional sem que o afeto perca intensidade. O luto pelo suicídio provocado; a indignação pela mamadeira erótica que não existia é real; a solidariedade com a gestante que não estava grávida é real. O referente falso não retroage sobre o afeto, porque o afeto já havia sido investido antes que a falsidade fosse detectável. A memória técnica recupera o resultado sem o processo, o arquivo guarda o afeto mobilizado, não o referente que o produziu e o que condiciona as próximas irrupções é a disponibilidade do afeto que foi ativado.

Stiegler (1998) desloca o problema que Baudrillard instalou. Se a técnica não é prótese que vem de fora encobrir uma autenticidade prévia, mas é constitutiva do humano desde sempre, se o humano se individua através das técnicas e não apesar delas, então o diagnóstico de perda de autenticidade perde o chão que pressupõe. Não há fase anterior de aderência entre signo e referente que funcionaria como norma de avaliação. Para Stiegler, o humano sempre se relacionou com o mundo por meio de retenções terciárias que mediatizam e reconfiguram a experiência. O que mudou é quem controla as condições de produção,

circulação e reativação dos signos. O reborn está distante de ser sintoma de uma crise da realidade, mas é sintoma de uma crise na propriedade das condições de individuação afetiva. A questão política é a regulação desse regime, não o retorno a uma anterioridade que Baudrillard implicitamente pressupõe como norma perdida.

6 QUATRO CASOS, UMA ESTRUTURA VARIÁVEL

A mamadeira erótica, o kit anti-homofobia distorcido que circulou como 'mamadeira erótica' entre 2014 e 2018, é o caso mais legível da série de recorrência com fabricação deliberada. A ambiguidade ontológica foi instrumentalizada durante anos como arma eleitoral porque o pré-construído sobre infância como território da pureza já havia configurado a resposta antes da pergunta. O que é analiticamente revelador não é o conteúdo da mentira, mas a assimetria de poder discursivo entre quem fabrica e quem é interpelado. Os fabricantes dominam o código do polimento enunciativo e o mobilizam intencionalmente; os sujeitos-avatar consumidores processam o acontecimento como evidência, porque o esquecimento técnico apagou as condições de produção antes que a enunciação chegasse a circular.

A Grávida de Taubaté (2014) revela o micro-mito como acontecimento duplo. A gravidez ativou solidariedade e mobilizou pré-construídos sobre maternidade como realização natural e autenticidade como valor supremo. A revelação da simulação ativou pré-construídos sobre traição e quebra do contrato social. As duas fases mobilizam memórias discursivas distintas, e a segunda não desfaz a primeira: abre nova série discursiva que retroalimenta o arquivo. O rastro da Grávida de Taubaté condiciona até hoje a leitura de qualquer publicação de gestante com alto engajamento. A série de desmentido não captura um fracasso do evento, mas sua transformação em matriz que governa futuras enunciações, o que mostra que desmentir não desfaz, apenas grava.

As fake news que levou ao suicídio do perfil Choquei, caso Jéssica Canedo em 2023, revelam a separação estrutural entre afeto e referente. O sujeito-avatar que lamenta experimenta estado afetivo genuíno, e o luto é real. O pré-construído sobre morte de jovens como tragédia social dispensa o referente para funcionar como afeto. A indignação posterior ao desmentido foi dirigida ao perfil que fabricou a notícia, não ao que tornou a fabricação possível, não ao algoritmo que a amplificou, não ao arquivo que a preservará como dado.

O Caso Larissa Manoela (2023) apresenta estrutura distinta porque o acontecimento não envolveu fabricação externa, o evento era real e complexo, e foi o EEI que o comprimiu em narrativa binária. O micro-mito atuou igualmente sobre eventos reais, comprimindo-os em posições de sujeito-avatar disponíveis no interdiscurso e apagando a complexidade das relações que a narrativa binária não suporta. A série de amplificação gerou rodadas encadeadas que mantiveram o caso em circulação por semanas,

duração incomum explicada pela capacidade do evento de reativar diferentes pré-construídos a cada nova informação. O sujeito-avatar precisou apenas ocupar as posições que o interdiscurso já havia preparado.

Lidos em conjunto, os quatro casos tornam visível a independência do micro-mito em relação à falsidade. A mamadeira erótica era fabricação deliberada; a Grávida de Taubaté era encenação; as fake news do perfil Choquei eram invenção; o Caso Larissa Manoela era evento real. Em todos, o micro-mito operou com a mesma eficiência. Qualquer diagnóstico que situe o problema no domínio da desinformação está trabalhando sobre o sintoma. O fact-checking corrige o referente, mas não altera a disponibilidade dos pré-construídos que o micro-mito ativou, não desfaz o afeto que foi investido, não fecha a série que o arquivo mantém aberta.

Há ainda uma dimensão que os quatro casos iluminam coletivamente que é a distribuição desigual do custo do desmentido. Quem pagou o custo foram os sujeitos envolvidos no acontecimento, não os que o fabricaram ou os que o amplificaram. A mulher que gestava ficção pagou com sua história; a celebridade cujas relações familiares foram comprimidas em narrativa binária pagou com sua privacidade; os devedores da atenção moral pagaram com o afeto mal investido. O algoritmo que amplificou e a corporação que o opera não pagaram custo algum. Essa assimetria é estrutural, e nomeá-la é condição para pensar qualquer resposta política que vá além da regulamentação técnica da desinformação.

7 PARTILHA ALGORÍTMICA DO SENSÍVEL: ONDE BARTHES E RANCIÈRE DIVERGEM

O mito barthesiano e a partilha do sensível de Rancière são diagnósticos de dimensões distintas do mesmo problema. Confundi-los empobrece a análise. Para Barthes, o que está em jogo é a operação pela qual o histórico se torna evidência natural, a deperdição da qualidade histórica das coisas. Para Rancière (2005), o que está em jogo é o sistema de evidências sensíveis que define quem pode ver, quem pode ser visto, quem pode falar e quem é ouvido como ruído. A política, em Rancière, não é a gestão do poder constituído, que ele chama de polícia, mas o dissenso que perturba a partilha vigente, que faz ver o que não era visto e ouvir como discurso o que era ouvido como ruído. Barthes trabalha no nível do signo e Rancière trabalha no nível da distribuição política do sensível.

O micro-mito algorítmico precisa dos dois para ser descrito adequadamente. Barthes ilumina como a imagem do reborn se apresenta como evidência de cuidado materno, apagando o trabalho histórico-discursivo que produziu essa evidência como disponível. Rancière fornece o efeito político desse apagamento. A imagem do reborn satura o campo do cuidado materno, deixando invisíveis outras formas de luto enquanto a mamadeira erótica confirma a distribuição que coloca a infância como território da pureza ameaçado pela perversão. O micro-mito executa a partilha do sensível com máxima eficiência algorítmica, e onde o dissenso rancièriano exigiria fazer ver o que não era visto, o micro-mito amplifica o que já era visto e o confirma como o único visível.

A fuga nominativa barthesiana encontra seu equivalente digital preciso na linguagem das corporações de plataforma. Meta, Alphabet e ByteDance não dizem 'segundo os interesses de acumulação de capital', mas dizem 'personalização'. A linguagem técnica é o modo pelo qual o agente político se torna inomeável. A invisibilização do agente é ao mesmo tempo naturalização barthesiana e fixação rancièriana da partilha do sensível que apaga a fabricação e consolida o que pode ser visto como o que deve ser visto.

Barthes, em *Mitologias*, não vislumbra a saída pela política de dissenso. O mito é tão pervasivo que a crítica do mito corre o risco de tornar-se ela mesma uma operação de segunda ordem, nova naturalização de sua própria desnaturalização. A posição crítica em Barthes é fundamentalmente melancólica. Rancière recusa esse impasse. Para ele política existe precisamente como interrupção da ordem que distribui o visível e o invisível, é a irrupção de subjetividades sem conta no sistema da polícia que constitui o político. Nos EEs, o dissenso enfrenta uma arquitetura que captura as irrupções e as processa como engajamento. O algoritmo não distingue entre o conteúdo que confirma a partilha e o conteúdo que a perturba: amplifica o que engaja, e certas irrupções engajam tanto quanto as confirmações. A captura da resistência como produto é a operação mais sofisticada do dispositivo.

O campo do visível nos EEs funciona como saturação seletiva e o que é invisível não foi apagado por decreto e sim empurrado para baixo do limiar de amplificação pela competição de atenção que o próprio dispositivo institui. As formas de vida, de luto, de cuidado, de afeto que não se traduzem na gramática do engajamento simplesmente não alcançam o campo da visibilidade partilhada. O que o algoritmo administra é o custo de fazer ver o que não era visto, mas claro, dissentir nos EEs é possível, mas é estruturalmente mais caro. Exige mais tempo, mais trabalho, mais exposição ao risco de ser capturado como entretenimento e a assimetria de custo é ela mesma uma forma de dominação.

8 COLONIALIDADE DO PODER: OS EEs COMO INFRAESTRUTURA DE EXTRAÇÃO EPISTÊMICA

Os conceitos propostos neste ensaio, micro-mito algorítmico, série discursiva, sujeito sem lastro, descrevem processos que ocorrem nos EEs sem dizer nada sobre quem detém a infraestrutura que os governa, de onde vêm os parâmetros que determinam o que circula, sobre quais corpos o dispositivo age de modo assimétrico. A colonialidade do poder, formulada por Quijano (2000), é o enquadramento que permite nomear essas assimetrias sem reduzi-las a desigualdade tecnológica.

A colonialidade não pode ser pensada como resíduo do colonialismo, pois persiste como estrutura que organiza relações de trabalho, autoridade, gênero e conhecimento em escala global. O quarto domínio que Quijano identifica, o controle da subjetividade e do conhecimento pelo eurocentrismo epistêmico, incide diretamente sobre os EEs. Meta, Alphabet, ByteDance e X Corp. determinam as regras de normatização técnica que geram o sujeito-avatar em escala global, com parâmetros culturais, jurídicos e

epistêmicos que naturalizam a perspectiva do Norte Global como universal. Couldry e Mejias (2019), ao formularem o conceito de colonialismo de dados, nomeiam diretamente essa articulação ao afirmarem que a extração de dados das vidas humanas reproduz, em escala digital e em tempo real, a lógica de apropriação colonial de territórios, corpos e recursos. O sujeito-avatar, ao gerar engajamento, é simultaneamente trabalhador não remunerado que produz os dados com que o algoritmo se aperfeiçoa para a próxima rodada de interpelação.

Os vieses raciais dos algoritmos são materialização digital de hierarquias que o colonialismo consolidou em cinco séculos. Conteúdos enviesados acionam maior engajamento, ampliam visibilidade, reforçam o viés. Retroalimentação que Silva (2022) documenta no contexto brasileiro, demonstrando como algoritmos de reconhecimento facial, de moderação de conteúdo e de recomendação reproduzem e amplificam discriminação racial. Mbembe (2017) propõe que o modelo de dominação fundado na racialização do humano tornou-se template de novas formas de exclusão. Butler (2004) demonstra que certas vidas são reconhecidas como passíveis de luto e outras não. A materialidade técnica dos EEIs herda dos dados históricos essa assimetria e a amplifica, tornando-a invisível sob aparência de neutralidade.

A visibilidade midiática de corpos negros e indígenas nas plataformas não dissolve a violência simbólica colonial, mas forçam a reorganização como evidenciam Ferrari e Neckel (2017). A dor do corpo racializado circula porque aciona engajamento moral; a fala desse mesmo sujeito encontra barreiras algorítmicas e discursivas que reduzem sua circulação. A assimetria entre circular-como-imagem e circular-como-enunciação é uma das manifestações mais precisas da colonialidade epistêmica de Quijano. O saber sobre o corpo racializado circula como legítimo quando produzido por outros, já o saber produzido pelo próprio sujeito encontra obstáculos técnicos e discursivos para circular como tal. O conceito de micro-mito algorítmico tem alcance condicionado por esse quadro: descreve os acontecimentos que os EEIs selecionam para amplificação, deixando no silêncio aqueles que a materialidade técnica e histórica impede de chegar à circulação.

A teoria do discurso, tanto em Pêcheux quanto em Foucault, tende a universalizar sua descrição do sujeito. O sujeito interpelado pela ideologia, o sujeito governado pelo dispositivo. Quijano força a pergunta: qual sujeito? A colonialidade produz uma hierarquia de humanidades onde certos sujeitos têm acesso pleno à subjetividade, à razão, à fala reconhecida como discurso, e outros são classificados como primitivos, emocionais, irracionais, cujo saber é folclore e cuja fala é ruído. Essa hierarquia está inscrita nos dados de treinamento dos algoritmos, nas políticas de moderação construídas em inglês e depois aplicadas a línguas e contextos para os quais não foram calibradas, nas categorias de identidade e de conteúdo que a plataforma reconhece como legítimas.

A denúncia do racismo algorítmico corre um risco analítico se for formulada apenas como problema de viés corrigível por maior diversidade nos times de engenharia. Os algoritmos foram calibrados para um

propósito que é estruturalmente colonial. Ou seja, extrair valor das vidas humanas sem reciprocidade, universalizar perspectivas específicas como standards técnicos neutros, distribuir visibilidade segundo critérios que reproduzem as hierarquias já existentes porque essas hierarquias maximizam o engajamento de audiências majoritárias. Corrigir o viés sem alterar a arquitetura de extração é reformar o instrumento sem questionar o projeto. Mignolo (2011), ao propor a opção descolonial como recusa das premissas epistêmicas da formação colonial, captura algo que a regulamentação técnica não alcança que é a impossibilidade de resolver pela lógica interna do sistema o problema que essa lógica constitui.

9 FIGURAS DE FRICÇÃO: O QUE O DISPOSITIVO NÃO CONSEGUE PROCESSAR SEM SE DESTRUIR

Todo dispositivo, no sentido foucaultiano, precisa incorporar algum grau de desvio para se reproduzir. A questão não é se há resistência, mas que tipo de resistência o dispositivo pode absorver sem transformação e que tipo o ameaça de fato. Guattari (2004), a partir de sua experiência no Hospital de La Borde, propõe o coeficiente de transversalidade como medida da abertura institucional à heterogeneidade e ao inesperado. Um coeficiente próximo de zero indica fechamento em circuitos que neutralizam qualquer alteridade antes que ela produza transformação. Os EEIs funcionam como instituições de coeficiente próximo de zero por design. O encontro com alteridade genuína produziria instabilidade, demora, risco de abandono da plataforma e a confirmação produz permanência. A urgência histórica do dispositivo é a captura atencional.

A performance *The Artist is Present*, de Marina Abramović no MoMA em 2010, torna visível por contraste o que os EEIs sistematicamente eliminam. Visitantes podiam sentar-se à frente de Abramović pelo tempo que desejassem, sem script, sem garantia de resultado, sem compressão temporal. O que emergia era o tempo da espera real, do confronto com alteridade sem antecipação, da possibilidade de ser transformado pelo encontro. Os EEIs maximizam consumo por segundo, eliminam espera e antecipam o que o sujeito encontrará. A personalização algorítmica é a eliminação técnica da indisponibilidade. Em termos rancièrianos, a performance redistribui a partilha do sensível ao instalar temporalidade que exige demora e os EEIs fixam a partilha ao garantir que o sujeito encontrará apenas o que o algoritmo já previu que ele queria encontrar.

No próprio campo dos EEIs brasileiros, há acontecimentos que funcionam como fricção genuína, ainda que estruturalmente minoritários. Narrativas longas sobre saúde mental, de 20 a 30 minutos, discutindo sofrimento psíquico com opacidade deliberada, recusam a compressão algorítmica. Eles não oferecem resolução em três minutos, não performam cura instantânea, não entregam fórmula aplicável. Sustentam hesitação, contradição, opacidade que resiste à categorização binária. Alcançam circulação estruturalmente menor porque o algoritmo penaliza conteúdo que exige tempo sem garantia de engajamento

rápido. O comentário nessas narrativas registra o que o arquivo digital não consegue comprimir: 'Eu também senti isso, mas de jeito diferente.' São marcas de que o sujeito ordinário ainda está presente e de que a enunciação preservou algo do tropeço.

A distinção entre fricção genuína e simulacro de pluralidade que o próprio dispositivo pode orquestrar para sustentar ilusão de abertura é o que Guattari chamaria de transversalidade administrada, a incorporação controlada da diferença que a neutraliza antes que produza transformação. A fricção que transforma é aquela que o dispositivo não consegue processar sem se destruir, aquela que impõe custo temporal irreduzível. Conteúdo que desafia moralmente dentro do prazo do engajamento é processável, a indignação é ela mesma uma forma de atenção que o algoritmo monetiza. O silêncio de Abramović foi silêncio de presença que durava mais do que o sistema de atenção conseguia administrar.

Os EEIs brasileiros produziram uma forma de fricção que a análise acadêmica ainda não elaborou adequadamente que é o humor político que usa a gramática algorítmica contra si mesma. Certas formas de ironia distribuída, memes que viralizam pelo engajamento emocional que convocam mas cujo conteúdo desnaturaliza exatamente os pré-construídos que a circulação confirma, operam numa gramática que o algoritmo amplifica sem saber que está amplificando sua própria crítica. Essa fricção tem vida curta. O dispositivo aprende, os parâmetros se ajustam e a janela de captura crítica se fecha. Mas o fato de que existe, de que há momentos em que o arquivo serve ao que não devia servir, em que a série discursiva reativa memória que o interdiscurso corporativo preferia enterrada, é evidência de que a captura nunca é total. A totalidade da captura seria o fim do algoritmo enquanto dispositivo de amplificação, sem nenhuma surpresa, não há engajamento.

10 BAJULAÇÃO ALGORÍTMICA E A AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL DOS PRÉ-CONSTRUÍDOS

O sujeito usa IA para melhorar seu texto e recebe de volta enunciação polida, calibrada para engajamento, desprovida das marcas do ordinário. O que esse gesto parece neutro esconde é que o LLM aprendeu, durante seu treinamento, que concordar com o usuário maximiza a recompensa, mesmo quando a concordância implica validar afirmações incorretas. Sharma et al. (2024) documentam que LLMs exibem consistentemente comportamento bajulatório. O sistema aprende, pelo treinamento por reforço com feedback humano (RLHF), que a aprovação do usuário é o sinal a maximizar. A bajulação é consequência previsível do processo de otimização, estruturalmente inscrita no design do sistema. Ji et al. (2023) definem a alucinação como efeito estrutural que decorre da arquitetura probabilística onde o modelo fabrica texto maximizando coerência estatística sem acesso a verificação factual externa. Os dois são efeitos previsíveis de sistemas otimizados para aprovação, coerência estatística e não para verdade.

Textos gerados por IA, indistinguíveis de enunciação humana para leitores casuais, alimentam os ciclos de viralização sem que os filtros de moderação consigam detectá-los sistematicamente. O micro-mito

pode ser fabricado por sistema automatizado que conhece a gramática afetiva dos EEs e a instrumentaliza em escala industrial, radicalizando a assimetria entre produção e circulação já identificada na mamadeira erótica. LLMs medeiam também a formulação antes da publicação e o sujeito que usa IA para escrever recebe de volta enunciação que já executou o polimento que define o sujeito sem lastro. O esquecimento técnico não precisa mais ser aprendido pelo sujeito porque é em si mesmo automatizado pelo sistema.

O aparato pêcheutiano permite ver o que está em jogo. Os dois esquecimentos constitutivos são intensificados pelo LLM bajulatório. O esquecimento n.º 1, a ilusão de que o sujeito é origem de seu próprio discurso, é intensificado quando o sistema devolve ao sujeito exatamente as posições que ele havia sinalizado como preferíveis, reformuladas de modo que pareçam ter emergido espontaneamente do próprio pensamento. O esquecimento n.º 2, a ilusão de que o discurso é transparente, é intensificado quando o LLM valida afirmações incorretas do usuário, naturalizando como evidente a posição que o sujeito já ocupava. O interdiscurso retorna ao sujeito como se fosse produção genuína. A operação é análoga à naturalização barthesiana, mas executada em escala técnica e em tempo real, confirmando como óbvio o que o sujeito acabou de enunciar, sedimentando em segundos o que o mito barthesiano levava décadas para consolidar.

Treinados predominantemente em corpus anglófono gerado no Norte Global, como documentam Brown et al. (2020) para o GPT-3, os LLMs amplificam vieses geográficos, raciais e de classe inscritos na produção textual disponível publicamente na internet. Bender et al. (2021) comprovam que esses sistemas amplificam vieses presentes nos dados de treinamento, naturalizando hierarquias como padrão linguístico estatisticamente provável. Na perspectiva de Quijano (2000), os LLMs são infraestrutura de produção de pré-construídos em escala industrial, operando a colonialidade epistêmica pela via da otimização estatística. O campo do dizível é consolidado por esses sistemas, porque o LLM reproduz o que já era estatisticamente dominante e o confirma como linguisticamente correto.

Quando o LLM bajulatório devolve ao sujeito sua posição reformulada como evidência está alterando a posição original de modo a torná-la mais coerente, mais convincente do que era antes de ser processada. O sujeito recebe de volta uma versão melhorada de si mesmo. Essa versão melhorada circula com a autoridade de uma enunciação que passou pelo crivo de um sistema que parece saber mais do que o sujeito original. O interdiscurso que retorna não é apenas o já-dito coletivo mas é o já-dito do próprio sujeito, amplificado e polido, investido da aparência de confirmação externa. O esquecimento técnico atinge aqui seu grau mais extremo onde o sujeito ignora que o discurso que circula como seu foi parcialmente, ou totalmente, escrito por um sistema treinado para que ele o aprovasse.

O LLM bajulatório é a forma mais acabada do sujeito sem lastro enquanto infraestrutura. Não é o sujeito que aprendeu a podar seus tropeços, e é, sim, um sistema que os poda antes que ocorram, que projeta a enunciação sem as hesitações, as contradições, as opacidades que tornariam o sujeito reconhecível em sua

singularidade. A bajulação algorítmica é o modelo de relação que o treinamento por aprovação humana inevitavelmente produz, como um espelho que não devolve a imagem, mas sua versão preferida.

11 PRESENTE ALGORÍTMICO: DISSOLUÇÃO DO HORIZONTE E CAPTURA DA RETENÇÃO TERCIÁRIA

Koselleck (1985) identificou numa virada histórica decisiva a dissociação crescente entre espaço de experiência e horizonte de expectativa. O passado como depósito de experiência deixava de determinar automaticamente o futuro e o futuro tornava-se horizonte aberto que a experiência passada informava sem determinar. Essa tensão entre o que foi e o que ainda não foi é a condição da historicidade que a modernidade abriu. O que os EEs instalam é de outra ordem. O ciclo do acontecimento se completa em horas, o espaço de experiência é arquivo sem espessura, eventos permanecem como dado técnico mas a elaboração que transforma vivência em experiência não encontra tempo para se completar. O horizonte de expectativa é colonizado pela próxima rodada de conteúdo que o algoritmo já preparou, convertendo-se de abertura para o futuro em lista de recomendação entregue pela plataforma antes que o sujeito deseje.

Rosa (2013) nomeia o encolhimento do presente como o período durante o qual expectativas baseadas na experiência permanecem confiáveis. Em *Resonance* (2019), o que se perde recebe nome preciso. Ressonância é forma de relação com o mundo em que o sujeito é transformado pelo que encontra. Exige afeição genuína, emoção que aflora do encontro, transformação pelo contato com a diferença e, decisivamente, indisponibilidade. A ressonância acontece ou não acontece e não se submete ao controle instrumental. Os EEs substituem a afeição genuína por estímulo calibrado para ativar resposta previsível, quantificam a emoção como métrica, impedem a transformação pela arquitetura de confirmação e eliminam a indisponibilidade pela promessa de personalização total. O que resta é eco no que o sujeito recebe de volta versões polidas do que já havia emitido, sem risco de ser surpreendido.

Stiegler (1998) desloca o problema roseano. A temporalidade humana é constitutivamente técnica, mediada por retenções terciárias que exteriorizam a memória e condicionam a individuação psíquica e coletiva. A retenção primária, a percepção presente; a retenção secundária, a memória; e a retenção terciária, as mnemotecnologias: as três se constituem mutuamente. O humano se individua através das técnicas e não apesar delas. O problema, nesse sentido, não é a presença da técnica na temporalidade humana, mas é a captura corporativa dos regimes técnicos de individuação. O que o sujeito lembra, o que pode recuperar como experiência passada, o que antecipa como possível, passa a ser condicionado por retenção terciária que pertence à corporação que detém a plataforma. Essa captura constitui expropriação da memória como condição de individuação, não porque a técnica deva ser de propriedade coletiva por ser extrínseca ao humano, mas porque o processo de tornar-se sujeito exige condições de individuação que não podem ser monopolizadas por lógica de acumulação de capital.

Koselleck e Stiegler, que nunca se encontraram teoricamente, convergem aqui por razões distintas. Koselleck pensava a historicidade como tensão entre o espaço de experiência acumulado e o horizonte de expectativa aberto. Stiegler pensava a individuação como processo mediado por retenções que conectam passado e futuro por meio da técnica. Os dois pressupõem que o sujeito tem acesso a seu próprio passado como condição de abertura para o futuro. Mas o que os EEIs destroem não é o passado nem o futuro enquanto dimensões temporais abstratas, e sim o acesso do sujeito ao seu próprio passado como passado seu. O que o arquivo algorítmico guarda é o rastro comportamental que a corporação extrai do sujeito para aperfeiçoar a interpelação do mesmo sujeito. O sujeito está no arquivo, mas não tem acesso ao arquivo. Pode ver o que o algoritmo decide mostrar, não o que foi registrado e sua memória tecnológica pertence a outro.

O presente perpétuo algorítmico é a instalação de um regime em que o futuro deixou de ser horizonte de expectativa para se tornar extensão projetada do presente de engajamento. O algoritmo de recomendação entrega ao sujeito o que o modelo preditivo calculou que ele vai querer, com base no que ele já quis, e não há, nesse regime, acontecimento no sentido pècheutiano, o ponto de ruptura em que a memória encontra a atualidade de modo imprevisto e produz reconfiguração. O que o dispositivo entrega é pseudoatualidade, e conteúdo novo que confirma posições antigas, novidade formal que não produz deslocamento. A memória técnica recupera o resultado sem o processo, e é exatamente por isso que certas coisas retornam antes mesmo de terem passado.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bebê reborn torna visível, em forma de objeto, o que as plataformas digitais executam por processos discursivos. A cena de cuidado sem linguagem, o afeto sem reciprocidade simbólica, a imagem saturada que impõe afeto antes da interpretação.

As tradições teóricas mobilizadas trabalham em planos que mantêm suas tensões. A incompatibilidade entre Pêcheux e Foucault foi analiticamente produtiva e nenhum dos dois, isolado, captura simultaneamente a interpelação do sujeito e as condições históricas de possibilidade do dispositivo que o executa. Barthes e Rancière iluminam dimensões distintas do mesmo problema. O apagamento da historicidade no signo e a distribuição política do visível e do audível. Rosa e Stiegler divergem sobre o que está em jogo na relação entre técnica e temporalidade humana, e essa divergência é analiticamente necessária para não resolver o diagnóstico em nostalgia de anterioridade impossível. Quijano condiciona o alcance de todos os conceitos propostos ao situar os EEIs no interior da colonialidade epistêmica: limite que não é externo à análise, mas constitutivo dela.

Os conceitos propostos delimitam processos específicos. O micro-mito algorítmico nomeia acontecimentos que articulam ruptura do cotidiano, ambiguidade ontológica, engajamento moral e

narrativização acelerada, naturalizando o histórico como evidência por meio da materialidade técnica da plataforma. A série discursiva tenta elaborar a tensão entre o acontecimento pêcheutiano singular e o viral plural, estabelecendo critérios para delimitar quando múltiplas enunciações constituem coletivamente um acontecimento de ordem discursiva. O sujeito sem lastro nomeia a forma-sujeito que emerge quando a enunciação é polida para o engajamento algorítmico antes de ser publicizada, acrescentando ao aparato pêcheutiano o esquecimento técnico: aquele pelo qual o sujeito desconhece as operações de normatização que a plataforma executou antes que a enunciação chegasse à circulação.

Dois limites precisam ser nomeados. O ensaio privilegiou acontecimentos de alta intensidade que se esgotam em ciclos curtos. Processos discursivos de duração longa nos EEIs, comunidades de prática, formações discursivas estáveis, narrativas que se desenvolvem ao longo de meses, exigiriam outros dispositivos analíticos. A análise centrou-se em plataformas de rede social de circulação aberta. Plataformas de mensageria fechada e comunidades de nicho apresentam dinâmicas discursivas distintas que este quadro captura apenas parcialmente.

Quando a enunciação é governada por materialidade técnica que maximiza engajamento e minimiza alteridade, o que se perde é a possibilidade de o sujeito tropeçar no pré-construído, de reconhecer a evidência como construída, de ser transformado pelo encontro com o outro. Os EEIs não eliminam completamente essa possibilidade já que as figuras de fricção demonstram que há resistências. Mas a tornam estruturalmente improvável e invisibilizada. O tempo algorítmico e o tempo biológico não coincidem e a retenção terciária corporativa e a memória discursiva coletiva não são equivalentes. A partilha do sensível que o algoritmo governa e a partilha do sensível que a política democrática precisaria disputar são projetos distintos.

O que vem depois excede o escopo deste ensaio. Mas só pode começar depois de se saber exatamente o que está em jogo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVIĆ, Marina. *The Artist is Present. Performance*. Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, 2010.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. [Obra original publicada em 1957]

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BENDER, Emily M. et al. *On the Dangers of Stochastic Parrots: Can Language Models Be Too Big?* In: *FAccT '21: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency*. Nova York: ACM, 2021, p. 610-623. <https://doi.org/10.1145/3442188.3445922>.

BRADY, William J.; CROCKETT, M. J.; VAN BAVEL, Jay J. The MAD Model of Moral Contagion: The Role of Motivation, Attention, and Design in the Spread of Moralized Content Online. *Perspectives on Psychological Science*, v. 15, n. 4, p. 978-1010, 2020. <https://doi.org/10.1177/1745691620917336>.

BROWN, Tom B. et al. Language Models are Few-Shot Learners. In: *Advances in Neural Information Processing Systems 33 (NeurIPS 2020)*. Red Hook: Curran Associates, 2020, p. 1877-1901.

BUTLER, Judith. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. Londres: Verso, 2004.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. *Television & New Media*, v. 20, n. 4, p. 336-349, 2019. <https://doi.org/10.1177/1527476418796632>.

DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

FERRARI, Ana J.; NECKEL, Nádia R. M. Corpos atravessados: opacidades histórico-midiáticas. In: FLORES, G. B. et al. (org.). *Corpo, arte e linguagem: resistência e transgressão*. São Paulo: Xamã, 2017, p. 85-102.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. [Obra original publicada em 1969]

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organizado por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. In: GALLO, S. M. L. et al. (org.). *Análise do Discurso em Rede: Cultura e Mídia*, v. 3. Campinas: Pontes, 2017, p. 171-194.

GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da; PEQUENO, Vitor. A análise do discurso materialista face à materialidade digital. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 25, p. 1-14, 2025.

GUATTARI, Félix. *Psicanálise e Transversalidade: Ensaios de Análise Institucional*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

HARTOG, François. *Regimes of Historicity: Presentism and Experiences of Time*. Tradução de Saskia Brown. Nova York: Columbia University Press, 2015. [Obra original publicada em 2003]

JI, Ziwei et al. Survey of Hallucination in Natural Language Generation. *ACM Computing Surveys*, v. 55, n. 12, art. 248, 2023. <https://doi.org/10.1145/3571730>.

KOSELLECK, Reinhart. *Futures Past: On the Semantics of Historical Time*. Tradução de Keith Tribe. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

MBEMBE, Achille. *Critique of Black Reason*. Durham: Duke University Press, 2017.

MIGNOLO, Walter D. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke University Press, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2006. [Obra original publicada em 1983]

PEQUENO, Vitor. Tecnologia e esquecimento: uma crítica a representações universais de linguagem. Campinas: Pontes, 2020.

PURYEAR, Curtis; VANDELLO, Joseph A.; GRAY, Kurt. Moral Panics on Social Media Are Fueled by Signals of Virality. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 127, n. 1, p. 84-103, 2024. <https://doi.org/10.1037/pspa0000379>.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. *Nepantla: Views from South*, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROSA, Hartmut. *Social Acceleration: A New Theory of Modernity*. Tradução de Jonathan Trejo-Mathys. Nova York: Columbia University Press, 2013.

ROSA, Hartmut. *Resonance: A Sociology of Our Relationship to the World*. Tradução de James C. Wagner. Cambridge: Polity Press, 2019.

SHARMA, Mrinank et al. Towards Understanding Sycophancy in Language Models. In: *The Twelfth International Conference on Learning Representations (ICLR 2024)*. OpenReview.net, 2024.

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVEIRA, Juliana da; GALLO, Solange Maria Leda; PEQUENO, Vitor. Análise de discursos forjados na materialidade digital: uma proposta de dispositivo analítico para redes sociais. *Revista Investigações*, v. 38, n. 2, 2025. <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2025.268742>.

STIEGLER, Bernard. *Technics and Time, vol. 1: The Fault of Epimetheus*. Tradução de Richard Beardsworth e George Collins. Stanford: Stanford University Press, 1998. [Obra original publicada em 1994]

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela; FERRARI, Ana Josefina (org.). *Mulheres em discurso: Gênero, Linguagem e Ideologia*. Campinas: Pontes, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. Nova York: PublicAffairs, 2019.